

Rhodes prevê rodada difícil

12 DEZ 1986

Rhodes

prevê rodada difícil

por Tom Camargo
de Londres
(Continuação da 1ª página)

com os bancos. "Eles (os americanos) estão misturando tudo", disse o principal executivo de um banco em consórcio europeu que conta como sócio com um grande banco brasileiro.

"Misturam a relação especial que têm com o México (cujo pacote de reestruturação já está 93% subscrito) com o desejo de ver o Plano Baker dando certo, e misturam a vulnerabilidade de seus bancos na América Latina com aquilo que o Fundo Monetário deve fazer. Na Europa, a situação é vista de maneira diferente".

De fato, a apresentação de Rhodes deixou claros alguns paradoxos que rondam as próximas negociações com Brasil, Argentina e Venezuela, para mencionar os três maiores devedores latino-americanos.

Apesar de observar que o último pacote mexicano (cobrindo dois anos, de 1988 ao começo de 1988, envolvendo mudança nas condições de US\$ 52 milhões previamente reestruturados, além de US\$ 8 bilhões em dinheiro novo e mais US\$ 1,7 bilhão de empréstimos para dadas situações de emergência, além de um reacerto com o Clube de Paris e um maior envolvimento do Banco Mundial e de governos — o japonês entrou com US\$ 1 bilhão), é uma nova fase, que "ganhou impulso a partir do anúncio do Plano Baker (...) e que se baseia em ajustamento estrutural a partir do crescimento econômico, com um papel maior para o Banco Mun-

dial e um retorno gradual, país por país, para o mercado de empréstimos voluntários", Rhodes foi enfático: "O acordo mexicano não é um precedente. É um pacote definido para as características do México e sua economia, coerente com a abordagem caso a caso que temos adotado. Alguns o têm interpretado como um exemplo para futuras negociações. Ele não o é."

O Citibank tem sido particularmente cuidadoso quanto à observância de tal linha. No comitê assessor conseguiu fazer prevalecer, nas recentes renegociações com as Filipinas (US\$ 8,6 bilhões) e com a Nigéria (US\$ 3,8 bilhões) taxas de juros e prazos diferentes dos obtidos pelos mexicanos. Os filipinos e nigerianos queriam o mesmo prazo dos mexicanos (vinte anos) e a mesma margem (spread) acima das taxas de juros (Libor) do euromercado (0,8125%). Conseguiram dezesséis anos e 1,375% e 1,25%, respectivamente.

Quanto à questão de obter dinheiro novo, mais uma vez não se deve olhar para o México como modelo.

"Parece altamente improvável que os bancos tenham disponível o novo capital do qual as economias em desenvolvimento necessitam para crescer no futuro. De fato, tais esquemas reduziram os incentivos dos países para fazer as necessárias reformas estruturais e para crescer de forma a sair da crise", disse Rhodes.

Quanto às soluções que implicariam um desligamento, ainda que parcial,

do sistema financeiro internacional, o presidente do comitê assessor observou: "As chamadas soluções, como o perdão de juros, ou mesmo a capitalização de juros, advogadas por alguns, não são soluções de maneira alguma".

Os mexicanos teriam feito por merecer um tratamento especial devido a diversas medidas de correção dos desequilíbrios estruturais de sua economia. O aumento de preços para alguns produtos de consumo básico, o fechamento

da Fundidora Monterrey, uma siderúrgica estatal deficitária, a venda de outras estatais e a afiliação ao Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) seriam algumas delas.

Talvez devido à próxima rodada de conversas com o Brasil, marcada para o começo do próximo ano, Rhodes falou sobre a economia do País de forma genérica, ou, como disse um banqueiro brasileiro presente, "de forma talvez não apenas genérica, mas injustificadamente otimista".

por Tom Camargo
de Londres

Um dos mais otimistas interlocutores do Brasil no cenário da dívida internacional, William (Bill) Rhodes, diretor do Citibank e presidente do comitê assessor que amalgama os interesses dos bancos credores, disse ontem, em Londres, que a próxima rodada de negociações com Brasília "será muito dura". Observou ainda que "hoje (ontem, quinta-feira) a direção do Fundo deverá estar dando a palavra final, tudo indica que positiva, sobre as consultas no âmbito do artigo 4º. Isso já prepara um caminho mais fácil para as conversas com o Clube de Paris (a começar no próximo dia 18, em Paris), mas não significa que não haverá dificuldades com os bancos comerciais".

Durante uma palestra que fez para quatro dezenas de banqueiros e executivos financeiros, no último dia do seminário sobre bancos promovido pelo diário econômico Financial Times, Rhodes apresentou uma seleta do pensamento do maior banco do mundo sobre o atual estágio da dívida internacional, interligando-a com apreciações que deixam claro como, mais do que nunca, as divergências entre credores e devedores estão à procura de soluções políticas e não mais de meros acertos financeiros.

Na platéia, não poucas vozes se mostraram céticas quanto à forma como Rhodes descreveu o atual "momentum" das negociações entre países e destes

(Continua na página 13)

Cresce em Brasília a confiança em que o Clube de Paris, na reunião marcada para a próxima semana, concordará em negociar com o Brasil apenas com base no relatório elaborado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), examinado e considerado bom. Aguarda-se, inclusive, que o Clube de Paris reabra imediatamente os créditos oficiais concedidos ao País pelos Eximbanks.

GAZETA MERCANTIL